

# O conflito ético e sua solução no Behaviorismo Radical

The ethical conflict and its solution in Radical Behaviorism

**Marina Souto Lopes Bezerra de Castro**  
Psicóloga, mestre e doutora em Filosofia – UFSCar

**Professor Doutor Júlio César Coelho de Rose**  
docente – DPsi - UFSCar<sup>1</sup>

## RESUMO

Ao derivar o bem da cultura de seu modelo explicativo, Skinner fundamenta sua Ética. O autor estabelece que a sobrevivência da cultura deve ser o valor que norteia alguém que esteja na posição de planejar práticas culturais. Nesse sentido, o bem da cultura pode ser incompatível com alguns bens pessoais. Tal fato pode levar ao conflito entre susceptibilidades filogenéticas, herdadas do processo de evolução da espécie, e necessidades culturais. A solução ética para esse conflito dada por Skinner parece ser a escolha pelo bem da cultura. Segundo o autor, uma cultura bem planejada garante a sua própria sobrevivência e, ao mesmo tempo, garante o bem-estar dos indivíduos que a compõem.

Palavras-chave: Ética, conflito, behaviorismo radical, bem da cultura

## ABSTRACT

*Deriving the good of the culture from his explanatory framework, Skinner bases his Ethics. The author establishes that the survival of the culture must be the value that guides someone who is in the position to design cultural practices. In this way, the good of the culture and some personal goods may be contradictory. This fact may lead to the conflict between phylogenetic susceptibilities, inherited from the process of species evolution, and the cultural needs. The ethical solution, given by Skinner to this conflict, seems to be the choice for the good of the culture. According to Skinner, a well planned culture guarantees its own survival and, by the same time, guarantees individual welfare.*

*Key-words: Ethics, conflict, radical behaviorism, good of the culture*

---

O presente artigo tem como objetivo focalizar e ampliar uma questão apontada em Castro e De Rose (2008). Trata-se do conflito que pode ocorrer, num planejamento cultural, entre alguns bens pessoais e o bem da cultura<sup>2</sup>. Em princípio, nos parece que a solução ética considerada por Skinner para esse conflito seria a opção pelo bem da cultura. Vejamos se a tese procede e se há alternativas.

Em seu texto de 1971, Skinner afirma que, ao se tornar claro que uma cultura pode sobreviver ou perecer, alguns de seus membros podem começar a agir para promover a sobrevivência dela; surge, então, **um terceiro valor que pode afetar aqueles que estão em posição de fazer uso de uma tecnologia do comportamento; esse valor é o bem da cultura**. Na opinião do autor, as linhas gerais de uma tecnologia já estavam quase esclarecidas. Fala-se, então, em modificação do comportamento: o comportamento pode ser modificado ao se modificarem as condições das quais ele é função. O autor considera que tal tecnologia é eticamente neutra, pois não há nada numa metodologia que determine os valores que governam seu uso. Contudo, afirma que “nós nos preocupamos aqui, entretanto, não meramente com práticas, mas com o planejamento da cultura como um todo, e o valor de sobrevivência de uma cultura então emerge como um tipo especial de valor” (Skinner, 1971, p. 143). Portanto, uma tecnologia do comportamento é eticamente neutra, porém o uso que se faz dela no planejamento da cultura como um todo deve se basear em algum tipo de valor; então, Skinner elege seu valor: a sobrevivência da cultura.

Os outros dois tipos de valor são os bens pessoais, que são reforçadores por causa da carga genética humana, e os bens dos outros, que são derivados dos reforçadores pessoais<sup>3</sup>. Os bens dos outros têm sua origem nos bens pessoais que são usados no controle do comportamento

de outras pessoas. “Os bens dos outros se tornam particularmente poderosos quando os ‘outros’ são organizados” (Skinner em Tobach, 1971, p. 545), isto é, o controle intencional “pelo bem dos outros” se torna mais poderoso quando é exercido por organizações religiosas, governamentais, econômicas e educacionais (Skinner em Tobach, 1971, p. 110). O indivíduo pode até mesmo morrer por seu país ou em defesa de sua religião.

Considerando-se que não é possível derivar reforçadores atuais de algo tão remoto quanto a sobrevivência da cultura, por que alguém deveria considerar a sobrevivência de sua cultura como um bem? Skinner afirma que o que uma pessoa sente sobre a sobrevivência de sua cultura dependerá das medidas usadas pela cultura para induzir seus membros a trabalhar pela sobrevivência dela. As medidas explicam o apoio e os sentimentos são subprodutos.

O ponto filosoficamente interessante, de acordo com Willard Day, é que, ao considerar a sobrevivência da cultura como um valor, Skinner deriva o *valor* de sobrevivência, não no nível psicológico, mas num nível semelhante a um evolucionismo social não-teleológico (Willard Day, 1977, p. 16), ou seja, numa teoria sobre a evolução da cultura baseada em conceitos não finalistas.

Um grande problema com relação à sobrevivência enquanto valor é que ela é promovida, muitas vezes, por comportamentos que podem, além de não ter conseqüências reforçadoras, ter conseqüências punitivas. De certa forma, a cultura corrige disposições inatas que não estejam de acordo com a cultura. Ao discutir planejamento deliberado da cultura, Skinner afirma que os reforçadores que as culturas usam para induzir seus membros a trabalharem pela sobrevivência da cultura estão geralmente em conflito com os reforçadores pessoais (Skinner, 1971, p. 168 -169).

Poderíamos pensar em alguns rituais indígenas de iniciação à vida adulta, em que meninos são picados por abelhas e meninas ficam trancadas por meses e têm seu corpo arranhado periodicamente com dentes de peixe. Na cultura ocidental, alguns padres cumprem o voto de castidade, se abstendo de um poderoso reforçador primário. Do mesmo modo, monges budistas se absterem de muitos reforçadores pessoais. Também poderíamos citar os homens kamikaze e os homens-bomba.

É possível que contingências ontogenéticas determinadas por práticas culturais sejam incompatíveis com algumas suscetibilidades filogenéticas. Isso é, de certa forma, descrito por Skinner no relato de um experimento em que um pombo faminto estava sendo treinado para guiar mísseis. O reforçamento era feito com comida e em um esquema que gerava uma alta taxa de respostas, a qual consistia em bicar um alvo projetado num disco plástico. O pombo começou a bicar a comida na mesma frequência com que bicava o alvo. A taxa de respostas era tão alta que ele não conseguia mais comer e começou a ficar faminto. Pode-se concluir então que contingências ontogenéticas suprimiram uma das mais poderosas atividades filogenéticas: se alimentar. Daí é possível inferir que o comportamento de homens civilizados mostra o quanto as variáveis ambientais podem esconder um repertório herdado da filogênese (Skinner, 1969, p. 192 - 193).

Por exemplo,

*Isso ocorre quando as regras religiosas impedem o sexo antes do casamento, ou quando um morador de rua faminto observa os clientes de um elegante restaurante se esbaldando com pratos caros, ou quando a criança não pode brincar porque precisa estudar, ou quando consumidores passam horas nas filas dos shoppings em época de Natal, ou quando um militar vai*

*à guerra para defender seu país (Castro & De Rose, 2008, p. 98).*

Segundo Skinner, a Ética é uma referência ao bem geral do grupo como um todo agora e, principalmente, no futuro. É o princípio que mantém o grupo em longo prazo. “A Ética é principalmente uma questão do conflito entre conseqüências imediatas e remotas” (Skinner, 1987, p. 6). Importantes processos de auto manejo estão nos campos da ética e da moral, onde os conflitos entre conseqüências imediatas e remotas são considerados (Skinner, 1978, p. 52). As técnicas de auto manejo são necessárias porque a espécie humana criou um mundo em que algumas de suas suscetibilidades genéticas ao reforçamento, ou seja, produtos de sua filogênese, estão ultrapassadas, no sentido de serem incompatíveis com algumas práticas culturais ou mesmo no sentido de serem potencialmente prejudiciais à sobrevivência da espécie. Por exemplo, fazer sexo é extremamente reforçador, mas em um mundo em que há o perigo da superpopulação, a procriação pode trazer conseqüências aversivas a longo prazo e prejudiciais ao grupo. É papel da cultura selecionar práticas que favoreçam a sobrevivência do grupo. Aqui está o principal problema da Ética: o conflito entre conseqüências imediatas e conseqüências futuras.

O que é bom para um nível de seleção pode ser ruim para um outro nível. E não há nada de inconsistente ou contraditório nesses usos de “bom” e “ruim”, ou em qualquer outro juízo de valor, desde que seja especificado o nível de seleção (Skinner, 1981, p. 504). As contingências estabelecidas pelas agências de controle as quais induzem os indivíduos a agirem pelo “bem dos outros” podem se tornar muito poderosas, a ponto de encobrir contingências envolvendo reforçadores pessoais. Então o indivíduo pode ficar sob um controle excessivo ou conflitante (Skinner,

1971, p. 111), como nos exemplos apresentados por Castro e De Rose (2008, p. 98). Poucos exemplos dentre tantos possíveis nos quais os “bens pessoais” e os “bens dos outros” estão em conflito, isto é, nos quais a ocorrência de um comportamento controlado por reforçadores pessoais impediria a ocorrência de um comportamento controlado pelo bem dos outros ou pela cultura.

Skinner nega que defenda o sacrifício de liberdades pessoais pelo bem da cultura (Skinner, 1978, p. 197). Ele defende o bem da cultura. Entretanto, diz que o sacrifício dependerá de como as pessoas são induzidas a trabalhar por esse valor. Se o controle for aversivo, haverá sacrifício, mas, se o controle ocorrer por reforçamento positivo, não haverá sacrifício e as pessoas se sentirão mais livres (p. 197 - 198), sentirão que lutam pelo bem da cultura porque querem, por vontade própria. Isso pode ser confirmado desde a Grécia antiga. Dodds, segundo Skinner (1971, p. 104 - 105), diz que os gregos homéricos lutaram com grande entusiasmo para atingir não a felicidade, mas a estima de seus companheiros. Nesse sentido, a felicidade, afirma Skinner, pode ser tomada como representante dos reforçadores pessoais que podem ser atribuídos ao valor de sobrevivência e a estima pode representar alguns dos reforçadores condicionados utilizados para induzir uma pessoa a se comportar pelo bem dos outros. Porém, observa ele, todos os reforçadores condicionados derivam seu poder, em última instância, dos reforçadores pessoais e, dessa forma, da história evolutiva da espécie.

Uma cultura pode induzir um herói a morrer por seu país ou por sua religião. Porém Skinner esclarece que o sacrifício pessoal pode ser um exemplo dramático de conflito de interesses entre o grupo e seus membros, contudo isso seria produto de um mau planejamento. Sob contingên-

cias melhores, o comportamento que fortalece a cultura pode ser altamente reforçador (Skinner, 1969, p. 41). Então, a preocupação ética fundamental de Skinner é que devemos analisar as condições ambientais das quais o comportamento do indivíduo é função para que possamos planejar práticas culturais melhores, que promovam o bem individual, o bem maior para o maior número de pessoas [the greatest good of the greatest number] e o bem da cultura ou da humanidade como um todo (Skinner, 1978, p. 55).

É preciso deixar claro que, numa discussão sobre o que é melhor, existe pouco espaço para afirmações categóricas, que sejam absolutamente verdadeiras. A Ética skinneriana, ao tomar parte nessa discussão, propõe seu valor, seu bem supremo. Contudo, apesar da insistência na promoção do valor de sobrevivência da cultura, Skinner reconhece a impossibilidade de haver critérios absolutos que justifiquem a eleição de seu valor, ou de qualquer outro. Ele afirma: “Não me pergunte por que eu quero que a humanidade sobreviva. Eu posso lhe dizer por que apenas no sentido em que o fisiologista pode dizer por que eu quero respirar” (Skinner, 1959/1972, p. 36). Ou seja, o autor não pode lançar mão de critérios absolutos para justificar por que ele elegeu a sobrevivência como valor supremo de uma cultura. Ele pode, isso sim, explicar (aqui, entenda-se explicar como descrever) por que elegeu o bem da cultura baseando-se em pressupostos científicos - e certamente ele se referia à ciência do comportamento -, assim como faria um fisiologista se fosse chamado a explicar por que ele quer respirar.

De acordo com o autor, é possível - e já vem sendo feito de várias maneiras diferentes - induzir o homem a trabalhar pelo fortalecimento da humanidade como um todo. Contudo, seria um erro tentar justificar isso em algum sentido absoluto. “Não há nada fundamentalmente certo em relação à sobrevivência de uma cultura, não mais do

que existe de fundamentalmente correto sobre o conjunto de traços que define uma espécie” (Skinner em Tobach, 1971, p. 550).

Dessa forma podemos afirmar que a questão da Ética no behaviorismo radical pode envolver um conflito, que se dá no indivíduo, entre filogênese e ontogênese e que a resolução para esse conflito que poderia ser classificada como solução ética é a opção pelas necessidades culturais. Podemos afirmar que não há necessariamente um conflito, pois a cultura pode fazer uso de reforçamento positivo para induzir seus membros a trabalharem pela sobrevivência da cultura. Então, ele faz o que gosta e promove o bem da cultura. A solução ética para um *possível* conflito é a opção pelas necessidades culturais, pois a Ética de Skinner se fundamenta no bem da cultura.

Como apontado em Castro e De Rose (2008), entretanto, a ética skinneriana parece sofrer certa modificação, passando a considerar com maior importância a felicidade dos indivíduos que fazem parte da cultura que consegue sobreviver.

## REFERÊNCIAS

- Castro, M. S. L. B. & De Rose, J. C. C. (2008). *A ética skinneriana e a tensão entre descrição e prescrição no behaviorismo radical*. Santo André, SP: ESETEC Editores Associados.
- Day, W. (1977). Ethical Philosophy and the Thought of B. F. Skinner. Em: Krapfl, J. E. & Vargas, E. (Eds.). (1977) *Behaviorism and Ethics* (pp. 07 - 23). Kalamazoo, Michigan: Behaviordella.
- Skinner, B. F. (1959/1972). Some issues concerning the control of human behavior. Em: Skinner, B. F. *Cumulative Record* (pp. 25 - 38). 3ª edição. New York: Meredith Corporation.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis* (pp. 29 - 49). New York: Meredith Corporation.
- Skinner, B. F. (1971). A behavioral analysis of value judgment. Em: Tobach, E. I. R. & Aposon, E. S. (Eds.) (1971) *The biopsychology of development* (pp. 543 - 551). New York: Academic Press.
- Skinner, B. F. (1971). The evolution of a culture. Em: Skinner, B. F. *Beyond freedom and dignity* (pp. 121 - 137). 9ª edição. New York: Bantam / Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1971). The design of a culture. Em: Skinner, B. F. *Beyond freedom and dignity* (pp. 138 - 174). 9ª edição. New York: Bantam / Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1978). Humanism and Behaviorism. Em: Skinner, B. F. *Reflections on behaviorism and society* (pp.48 -55). Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (1978). Freedom and Dignity revisited Em: Skinner, B. F. *Reflections on behaviorism and society* (pp. 195 - 198). Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (1981) Selection by Consequences. *Science*, 213, 501 - 504.
- Skinner, B. F. (1987). Why We Are Not Acting to Save the World. Em: Skinner, B. F. *Upon Further Reflection* (pp. 1 - 14). New Jersey: Prentice-Hall.

## NOTAS

- 1 Endereço para correspondência: LECH – UFSCar – Rod. Washington Luís, Km 235, São Carlos, SP
- 2 Talvez pudéssemos aqui pensar num paralelo com o “mal-estar na cultura” (“*Das Unbehagen in der Kultur*”), analisado por Sigmund Freud.
- 3 Com relação aos reforçadores primários, produtos da filogênese, Skinner esclarece: “O homem desenvolveu uma estrutura, uma natureza humana, se preferir, em relação à

qual certas coisas são boas, no sentido de que elas aumentam a probabilidade de ele se comportar de determinadas maneiras quando [o comportamento é] seguido de tais

coisas. Essas coisas também são agradáveis [*feel good*], mas não é por isso que são reforçadoras” (Skinner em Tobach, 1971, p. 545).

Recebido em 25 de março de 2009  
Enviado para avaliação em 10 de agosto de 2010  
Aceito em 15 de dezembro de 2014